

# *A adolescência e os desafios da educação frente aos* **JOGOS DE RISCO**

Isabel Parolin

**N**ão raro, a sociedade se alarma com acontecimentos que conseguem agredir e mobilizar os sentidos e as emoções de um grande grupo de pessoas. Acontecimentos escabrosos, que vez ou outra nos assolam, são chacoalhões, que funcionam como um despertador, um chamado para que cada um se atente à qualidade e aos direcionamentos dos papéis sociais e afetivos que têm exercido. O imaginário se aflora, as emoções se misturam e, em meio aos sentimentos de solidariedade (“*Que difícil uma família passar por isso!*”) e de alívio (“*Graças que não aconteceu comigo!*”), vive-se o turbilhão emocional que desorganiza.

Familiares e educadores, altamente mobilizados, buscam respostas que o conhecimento pode ofertar, ao mesmo tempo em que se agarram em sua fé. Parece que acordam de uma letargia, de um sono que

obnubila a visão de si, do outro e do mundo em que estão inseridos.

Fatos chocantes, como o da Baleia Azul, provocam estranheza – “*Que mundo é esse que vivemos?*”, confusão – “*O que faz com que adolescentes entrem nesse jogo?*”, assusta – “*Como seres humanos podem engendrar tamanha maldade?*”, amedronta – “*Isso pode acontecer na minha família?*”, gera insegurança – “*Será que estou conseguindo bem formar os meus jovens?*”. Ou seja, vive-se a angústia que essas emoções suscitam, além da dúvida em relação ao poder da formação humana, das virtudes, da fé e da Educação.

E a pergunta recorrente é: será que o que temos produzido será suficiente para que nossos jovens resistam e escolham viver como seres humanos complexos, sensíveis e conectados ao mundo objetivo e subjetivo que os circunda?

“

*Muitas pessoas acabam valorizando e dedicando um tempo enorme, que não é dimensionado, para constatar o número de curtidas de sua página virtual, em detrimento da convivência presencial.*

”





Esses fatos fazem-nos lembrar da nossa finitude, dos nossos limites e dos limites dos projetos e dos nossos sonhos...

Em uma sociedade em que a comunicação virtual está em alta, em que muito se resolve com pequenos tags, imagens, ícones com carinhas ou replicando mensagens escritas por outrem, o poder do olhar que organiza, que perscruta, que comunica e que compreende parece duvidoso. Num contexto em que as pessoas não suportam viver frustrações<sup>1</sup> (Pondê) e que nunca receberam um *não*, o valor das virtudes parece obsoleto. Na sociedade líquida<sup>2</sup> (Bauman) ou desbussolada<sup>3</sup> (Lipovetsky), dar limites, atenção, conversar: ouvir e falar, direcionar, mediar, ou seja, exercer o papel de autoridade, ser presente, corporificado e tridimensional, parece ser remar contra a maré.

A vida não nos oferece nenhuma garantia e nem respostas óbvias. Os nossos jovens, a muito sabemos, não tem no Youtube um manual de como cada um sente, pensa, age e reage. Quanto mais complexa for a sociedade em que vivemos, mais complexos serão seus instrumentos sociais, seus modos de ler o mundo e de conviver. A delicadeza das relações humanas e da formação de uma pessoa passa pelo olhar atento e cuidadoso de toda uma comunidade.

Muitos de nós vivemos a ambivalência de desejar construir um mundo de virtudes para todos, ao mesmo tempo em que se fecham em suas casas e em seus grupos na web. Muitas pessoas acabam valorizando e dedicando um tempo enorme, que não é dimensionado, para constatar o número de curtidas de sua página virtual, em detrimento da convivência presencial.

Não temos respostas simplistas para a complexidade da vida

humana e de suas escolhas. No entanto, podemos pensar mais, nos ajudar mais, conversar mais, apoiarmo-nos mais. Juntos somos mais fortes e com mais possibilidades que sozinhos. Sobretudo, criarmos mais redes de oportunidades para cuidar mais dos nossos jovens. Cuidar da nossa casa e da casa maior que nos abriga, no sentido que Boff<sup>4</sup> (2011, p. 190) propõem:

Tudo o que vive precisa ser alimentado. Assim o cuidado, a essência da vida humana, precisa também ser continuamente alimentado. As ressonâncias do cuidado são sua manifestação concreta nas várias vertebrações da existência e, ao mesmo tempo, seu alimento indispensável. O cuidado vive do amor primal, da ternura, da carícia, da compaixão, da convivialidade, da medida justa em todas as coisas. Sem cuidado o ser humano, como um Tamagochi, definha e morre.

Os laços entre as pessoas garantem e enfeitam a existência humana e a deixam mais prazerosa e bonita. Tornamo-nos mais corajosos, quando apoiados e com melhores condições para amar e sermos amados.

- 
- 1 PONDÊ, Luiz Felipe. A era do ressentimento: Uma agenda para o contemporâneo. São Paulo: LeYa, 2014.
  - 2 BAUMAN, Zygmunt. Sobre Educação e Juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
  - 3 LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcolla, 2004.
  - 4 BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 2011.

Acervo Pessoal



Isabel Parolin é Pedagoga, Psicodramatista, Psicopedagoga e Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Palestrante para professores e famílias. Professora em cursos de pós-graduação na área da aprendizagem. Consultora de várias instituições públicas e privadas. Autora de vários livros destinados à aprendizagem e educação de filhos. [www.isabelparolin.com.br](http://www.isabelparolin.com.br)